

DACREMA, Nicoletta. *Tradurre è un'intenzione*. Milano: Marcos y Marcos, 2013. 271 p.

Andréia Guerini
Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Stella Rivello
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Tradurre è un'intenzione é uma seleção de sete ensaios, organizado por Nicoletta Dacrema, professora de Literatura Alemã na Università degli Stu di Cagliari, que abordam as “intenções”, com propostas e soluções do “tradutor pesquisador” e do “tradutor linguista” (p. 15) diante do desafio da tradução literária, do primeiro milênio A.C até os dias atuais, da poesia à prosa. A palavra intenção do título é justificada como um processo positivo do modo de ver a tradução, na tentativa de se afastar da famosa equação “tradução = traição” (p. 22).

O prefácio é assinado por Franco Buffoni, editor do conceituado periódico *Testo a Fronte*, que há mais de três décadas promove discussões acerca do ofício de se traduzir. Conforme relata Buffoni, as reflexões dos tradutores neste livro oferecem ao leitor a possibilidade de imergir nas obras, possibilitando, ao final de cada análise ver o texto na língua de partida e sua tradução em italiano. Ao sustentar que a tradução não é uma simples “travessia”, mas um processo que comporta em si produção, reprodução, análise crítica e síntese literária, Buffoni entende que o tradutor deve pre-



servar não somente a tão discutida fidelidade, mas a lealdade e a coerência com suas convicções, que são a base de seu trabalho e refletem suas reais intenções (p. 9-10)

Dacrema, em sua introdução, alega que viver a experiência da tradução não significa somente ter um estreito diálogo com o texto, mas é preciso lidar com uma infinidade de problemáticas que envolvem língua, cultura e épocas diferentes. E, consciente da importância da prática para a teoria em tradução, a organizadora quis que as análises apresentadas partissem de textos traduzidos, possibilitando ao tradutor confirmar, descartar, ou complementar estudos teóricos precedentes. Assim, ratificando a predileção pela diversidade de obras e idiomas, os ensaios deste livro trazem traduções para o italiano do grego antigo, russo, alemão, inglês, francês, dialeto sardo e ainda a tradução do italiano para o catalão.

Patrizia Mureddu abre o conjunto de ensaios provocando o leitor sobre a real possibilidade de se traduzir Homero. Ao ter como texto de partida os hexâmetros que narram a morte de Heitor, a autora propõe uma série de reflexões que nos levam a perceber os desafios da tradução de um texto cuja língua está extinta. Mureddu registra suas dificuldades na escolha da tradução dos versos, que na antiguidade foram cantados, porém, em outros momentos, recitados. Como transmitir esse conjunto tão singular de características? É possível traduzir um texto dessa magnitude sem que se perca a alteridade que a língua dos poemas transmitia a seu público nos tempos mais remotos? Para justificar a sua prática, a pesquisadora analisará as repetições características da épica, tidas como verdadeiros códigos e buscará entender como e quando um tradutor deve quebrar essas fórmulas, levando em conta o valor semântico dos epítetos.

O segundo texto nos convida a refletir sobre as considerações de um linguista ao traduzir o *incipit* de uma importante obra da literatura russa: *Memórias do Subsolo* (1864), de Dostoiévski. O linguista em questão é Pierluigi Cuzzolin, professor da Università

degli Studi di Bergamo, que comenta a tradução da obra russa, publicada pelo Editora Rizzoli, em 1995, e propõe o que chama de reivindicações e razões do texto. Em sua análise, Cuzzolin seleciona questões que partem do título e percorrem fragmentos pontuais no texto, mostrando-se bastante seguro em sugerir o que poderia ser uma correta interpretação do pensamento do autor e defendendo que o tradutor tem o dever fundamental de reconstruir na língua de chegada a mesma unidade textual obtida no texto original. A questão chave aqui debatida é como preservar essa unidade quando temos duas línguas com construções gramaticais muito diferentes como o russo e o italiano.

O terceiro ensaio, de Nicoletta Dacrema, dedica-se à análise de uma obra alemã traduzida para o italiano: *Der Hath Horn*, de Rilke. O romance, que tem características estilísticas muito particulares, oscilando, por exemplo, entre o que Dacrema chama de *lentoprosa* e *allegroprosa*, apresenta um grande desafio ao tradutor que quer expressar ao máximo as potencialidades da língua alemã. O tradutor também deverá prestar contas com uma obra rica em neologismos e traços impressionistas, que poetizam o texto em vários momentos. Essa questão faz Dacrema refletir como a tradução para o italiano poderia ser feita sem que haja prejuízo da sonoridade contida no original.

Do francês ao italiano, teremos a contribuição do pesquisador de Língua e Literatura Francesas da Università di Cagliari, Fabio Vasarri, que discute sobre a tradução de um trecho de *Le forçat vertigineux* (1925), de Michel Leiris. A passagem escolhida por Vasarri é denominada por ele como uma espécie de embrião do vasto projeto introspectivo de Leiris, ou seja, a decomposição e análise que o jovem autor francês faz do próprio nome (em termos fônicos e gráficos) como um instrumento para uma descoberta de si mesmo, e que se traduzem em um autorretrato rigorosamente linguístico. Vasarri abordará conhecidos dilemas tradutológicos como domesticação e estrangeirização, confessando as diferenças constatadas

entre o que previu e o que de fato concluiu na tradução de Leiris, tratando aspectos ligados à possibilidade e impossibilidade da tradução de nomes próprios. Vasarri diz fundamentar suas escolhas no jogo verbal proposto por Freud em *Der Witz* (1905).

Entrando no campo da poesia, encontraremos as considerações de Massimo Bocchiola, reconhecido tradutor de língua inglesa na Itália. Sua análise se fundamenta no poema “The ballad of the Yorkshire ripper” (1987), do escritor inglês Blake Morrison. O tradutor italiano argumenta que, se toda obra de arte nasce de uma tensão entre liberdade e responsabilidade, então a arte interpretativa própria da tradução literária viverá de responsabilidade do tradutor em relação ao autor e ao público para o qual traduz. Em busca dessa almejada coerência, Bocchiola investiga uma solução para retratar em italiano as particularidades do dialeto de Yorkshire. A Itália, contudo, é um país rico de dialetos, os quais se diferem significativamente do italiano standard. Um inglês que não conheça o dialeto utilizado por Morrison é capaz de ler todo o poema, mas um italiano que não conheça um determinado dialeto não o seria. Assim, que registro dialetal usar para tentar chegar aos mesmos resultados da obra inglesa? As hipóteses de Bocchiola o levam a usar um dialeto que conhece (no caso, o Pavese), mas que não considera ideal para a *Ballad*. Haverá outra opção? É o que Bocchiola reserva com atenção ao leitor de seu ensaio.

Da controversa balada de Morrison passa-se às lúdicas *Storie di cani per una bambina* (1996), de Dacia Maraini. Nessa análise, o escritor e filólogo espanhol Joan Armangué i Herrero fala sobre a experiência de transportar a singeleza do texto de Maraini ao catalão. O autor, contrário ao “dogma” da traição sistemática do tradutor, explica que as traduções são novos textos e, por este motivo, não há traição. Enfatiza o respeito que pede a intenção do autor, mas reconhece que a intenção também pertence ao próprio texto, que é livre uma vez desprendido de seu criador (a exemplo das *Viagens de Gulliver*, cuja intenção do autor era fazer uma crítica

social e que, no entanto, tornou-se um clássico infantil). Respeitando a facilidade da forma e o léxico acessível às crianças, Herrero evidencia o caminho para mostrar o que acredita ser a intenção de Maraini: comunicar através da simplicidade.

O último ensaio desse volume aborda a problemática da tradução do italiano para o sardo, língua oficial da Sardenha, uma das regiões autônomas da Itália. Graças a importantes iniciativas para tutelar e promover as línguas minoritárias na Europa, desde o ano de 1997, por lei, a língua sarda deve ser utilizada na Administração Pública. Ignazio Putzu, autor deste artigo, ilustra as dificuldades que o tradutor encontra sem o auxílio de um subcódigo jurídico e administrativo na língua sarda. Putzu argumenta que o sardo, como muitas línguas minoritárias, é tido pelos seus falantes como parte de sua identidade, porém, se não aceitar se abrir a novos recursos (como a criação do sub-código sugerido), correrá o risco de se isolar, desaparecendo a longo prazo. A fim de contextualizar o leitor, Putzu fará uma explanação da origem do uso do sardo na Administração, desde a Idade Média até os dias atuais e concluirá seu estudo com exemplos reais de traduções de textos burocráticos do italiano para o sardo.

Após essa breve exposição, podemos dizer que mesmo não conhecendo todos os idiomas tratados nesta seleção, o leitor não terá dificuldades em acompanhar as análises sugeridas, sendo, também ele, parte dessa conversa. Além disso, após percorrer esses ricos e diferentes percursos, o leitor perceberá que o livro cumpre o diálogo entre experiências e competências distintas que a organizadora destacou na sua introdução. E se traduzir é um conjunto de intenções, este volume obteve êxito em compartilhá-las, sendo muito útil para os tradutores, mas também para os pesquisadores em Estudos da Tradução.